

## Oralidade e Quadrinhos: Possibilidades Pedagógicas

### Orality and Comics: Pedagogical Possibilities

Alberto Ricardo Pessoa<sup>36</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-0231-3778>

Cristiano Clemente de Souza<sup>37</sup>

<https://orcid.org/0000>

**Resumo:** A proposta do artigo é apresentar possibilidades pedagógicas que promovam o ensino da oralidade por meio das Histórias em Quadrinhos. A Justificativa deste estudo se deve ao fato dos quadrinhos serem uma mídia que tem como público primordial a criança e adolescente e por ter um discurso verbal e não verbal do qual apresenta um espaço sonoro propício para o estudo da oralidade. Apresentamos o conceito de oralidade, os elementos das histórias em quadrinhos pertinentes para o estudo da oralidade e possibilidades pedagógicas no intuito de complementar as estratégias de ensino e aprendizagem do professor da educação básica.

**Palavras-chave.** Oralidade; História em quadrinhos; Parâmetros Curriculares Nacionais; Estratégias de ensino; Discurso verbal e não verbal.

**Abstract:** The purpose of the article is to present pedagogical possibilities that promote the teaching of orality through Comics. The justification for this study is due to the fact that comics are a medium whose primary audience is children and teenagers and because they have a verbal and non-verbal speech which presents a sound space suitable for the study of orality. We present the concept of orality, the relevant elements of the comic books to the study of orality and pedagogical possibilities in order to complement the teaching and learning strategies of the basic education teacher.

**Keywords:** Orality; Comics; National Curriculum Parameters; Teaching Strategies; Verbal and non-verbal speech

---

<sup>36</sup> Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil (2011), Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

<sup>37</sup> Professor de Ensino Fundamental II e Médio – Artes. Licenciatura em Artes Visuais - Centro Universitário Ítalo Brasileiro



## Introdução

A educação brasileira sofreu ao longo dos anos com discrepâncias sociais, econômicas e tecnológicas, oriundas de políticas públicas equivocadas e descaso administrativo.

Enquanto algumas escolas se apresentam com infraestrutura capaz de oferecer a melhor experiência de ensino para um aluno igualmente capaz de se desenvolver, há instituições e comunidades que se encontram em condições precárias no que se refere a produzir um ambiente propício de aprendizagem.

Dentro deste contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e mais recentemente os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) se colocam como um eixo norteador no intuito de dirimir essa discrepância e que coloca o professor como ator mediador deste processo educacional de tantas variáveis.

O próprio docente muitas vezes se encontra em sua jornada trabalhista atuando em escolas e comunidades com possibilidades distintas de ensino e aprendizagem. O cenário do ensino remoto emergencial, decorrente da pandemia oriunda do COVID-19 apenas intensificou a sensação de desigualdade educacional e da necessidade de uma revisão política e de interesse público em considerar a educação como questão prioritária no Brasil.

À partir deste contexto, nós docentes/pesquisadores devemos pelos mais diversos meios, inclusive na apresentação de artigos, debater estratégias de ensino e aprendizagem possíveis em um ambiente educacional tão desigual, não cabendo aqui dizer como um docente deve ou não ministrar a sua aula, mas criar uma relação interpessoal de pesquisa, emitindo e recebendo da comunidade acadêmica apontamentos acerca da educação.

Assim, uma das estratégias de ensino que consideramos pertinente é o do uso de produtos de fácil acesso pelo docente e discente, que se caracteriza pela boa receptividade mútua, baixa dificuldade em obter tal material, o baixo custo do mesmo e potencialidade como material complementar para a relação interpessoal de ensino.

As histórias em quadrinhos são uma das poucas mídias que têm a criança e adolescente como public-alvo. No cotidiano brasileiro, as revistas de histórias em quadrinhos geralmente estão posicionadas em bancas de jornais na parte de baixo de prateleiras, propondo fácil acesso para o seu público ser capaz de pegar o produto e escolher de forma autônoma, diferente de outros tipos de mídia que geralmente quem pode acessar e apresentar à criança é o adulto.

Esta autonomia da criança no simples ato de poder pegar e escolher as histórias em quadrinhos, agregado ao fato de ainda ter um baixo custo propicia ao docente possibilidades de trabalho com material de boa aceitação não somente pelo aluno mas a comunidade estudantil em seu entorno.

As histórias em quadrinhos são formadas por uma miríade de discursos verbais e não verbais conectadas por signos dos quais amparados pelo arcabouço imaginário do leitor apresentam infinitas possibilidades de estudos em torno da oralidade.

Outro ponto positivo que as histórias em quadrinhos possuem no seu uso para o ensino da oralidade é o fato de seu conteúdo ser em sua maioria, baseado em personagens da cultura pop e assim, se ramificar para diferentes produtos como filmes, jogos, peças de teatros e até mesmo marcas licenciadas para aplicação em diferentes formas de consumo que formam novos discursos que são assimilados dentro do espaço da oralidade e que o docente e discente podem se beneficiar.

## A concepção de histórias em Quadrinhos

A ciência acerca do que são histórias em quadrinhos é de suma importância para o



docente que pretende utilizar enquanto estratégia complementar de ensino, uma vez que deverá explicar, selecionar exemplos, manusear materiais e principalmente, criar uma interlocução com o discente que ao contrário do professor, possui em seu cotidiano a mídia, histórias e personagens, sejam pelos próprios quadrinhos ou por outros meios de comunicação e linguagem.

Um exemplo comum é o docente utilizar o cartoon e a caricatura como histórias em quadrinhos. Scott McCloud (1995 p.9) afirma que as histórias em quadrinhos são imagens pictóricas, concretas ou abstratas das quais em justaposição e em sequência se propõe a se comunicar com o receptor. Ou seja, nesse caso a caricatura e o cartoon não se aplicam pois eles não possuem a premissa de comunicar com textos verbais e não verbais em sequência.

Quando o leitor consegue realizar uma leitura fluida, a narrativa dos quadrinhos atinge a sua completude, pois se eliminam as fronteiras entre a leitura verbal e a visual, procedendo-se a uma leitura única. Essa linguagem é autônoma e oferece ao seu leitor uma gama de elementos a serem observados separadamente como tipografia, desenhos, perspectiva, onomatopéias, narrativa, oralidade e dependendo do gênero que se apresenta, diferentes formas de leitura de uma mesma história. (PESSOA, p.15, 2010)

Eisner (2005, p.10) aproxima ainda mais as histórias em quadrinhos dos estudos orais quando alega que os quadrinhos estruturam-se conforme disposição impressa de arte e balões em sequência, ou seja, o balão, para Eisner é um elemento essencial e dentro da estrutura da linguagem, o balão de texto simula diálogos e estruturas orais que estimulam o imaginário do leitor e refrata no seu cotidiano.

### **A Oralidade e histórias em quadrinhos**

A capacidade de articulação oral enquanto forma de se comunicar é a primeira a ser desenvolvida, antes mesmo do indivíduo ter idade para a vida escolar. A habilidade de construção de textos verbais e não verbais são auxiliados por tecnologias como a escrita e a relação entre textos por linguagens como as histórias em quadrinhos.

O ensino dos gêneros orais é por muitas vezes negligenciado na educação, muito em parte pela própria natureza do espaço educacional que por si só é um espaço sonoro e por assim dizer, repleto de manifestações orais que podem se confundir com bagunça, falta de concentração ou de aproveitamento escolar. O docente acaba por privilegiar gêneros textuais como uma estratégia disciplinar ou de condução da aula, uma vez que em muitas instituições o silêncio em sala de aula ainda é considerado um item importante para o aprendizado.

Assim, os alunos acabam em seu desenvolvimento apresentando dificuldades em relacionar a oralidade, seja ela formal ou informal com gêneros textuais, deixando-os com marcas de oralidade no discurso. Ao mesmo tempo, o indivíduo apresenta problemas de oralidade em apresentação de seminários ao ler o material de apoio, como slides e textos complementares à apresentação de maneira apática, sem a aplicação de entonação, pausa, alongamento, respiração, postura comunicacional perante o seu público e tempo de leitura.

As histórias em quadrinhos são em sua grande maioria baseadas em personagens que possuem arquétipos nas histórias de tradição oral e que possuem diálogos com contextos considerados de natureza universal, o que facilita o seu uso para estratégias de ensino focados na oralidade.

As histórias de tradição oral estão presentes em praticamente todas as civilizações, desde os tempos remotos. Elas são testemunhos, verídicos ou não, que são transmitidos em forma de contos, provérbios, baladas, entre outras. Dessa maneira, os contos tradicionais que conhecemos foram recolhidos por



pesquisadores que fizeram seu registro escrito, por vezes fidedigno, às vezes, nem tanto, para que as mesmas não se perdessem ao longo do tempo e se tornassem conhecidas por outras regiões e até mesmo nações distintas. (SÁ SILVA, MAI e WANZELER p.79, 2018)

Neste contexto, as histórias em quadrinhos apresentam algumas características em sua construção que podem beneficiar o estudo da oralidade, pois apesar de ser em um primeiro momento um material textual, ele é bastante sonoro.

Nos quadrinhos, a representação da fala na escrita ganhou um estudo particularmente pertinente à nossa discussão. Eguti (2001) mostrou que os quadrinhos possuem mecanismos próprios de representação da oralidade. Todos os elementos da língua oral abordados aqui teriam um recurso correspondente. O turno é representado com o auxílio dos balões. O contorno do balão - tracejado, trêmulo ou outro - indica ênfase ou tom de voz alto. A fala dos personagens é indicada por meio de uma seta, chamada de apêndice (em Eguti, 2001) ou rabicho (em Vergueiro, 2005a), que vai na direção do personagem. As onomatopéias indicam os sons (não falados pelos personagens). (RAMOS, p.06, 2006)

O primeiro olhar do uso das histórias em quadrinhos como estratégia complementar do ensino da oralidade se dá pelos seus elementos estruturais. O conectivo entre o texto verbal e não verbal, o balão de texto se comporta como uma veiculação de diálogo entre personagens, ou ainda entre leitor e personagem. Para tanto, o balão de texto se apresenta de diferentes morfologias, com o intuito de enfatizar emoções, entonações, altura da fala dentre outras indicações que remetem à fala.

As onomatopéias são outro elemento pertinente ao estudo da oralidade pelas histórias em quadrinhos, uma vez que elas complementam a paisagem sonora de uma determinada cena, ilustram um som de um golpe, um impacto, funcionamento de uma determinada tecnologia entre outros.

Por meio de onomatopéias, o narrador das histórias orais consegue passar de forma realista, vigorosa e convincente a carga emotiva que está por trás do gesto da personagem, dando a ideia aproximada da dramaticidade da cena. (ALCOFORADO, 2008, p. 69-70)

O texto verbal das histórias em quadrinhos são repletos de exemplos de discursos extraídos da oralidade, tanto em sua esfera informal quanto formal, uma vez que sua aplicação reside na interpretação oral de seus respectivos personagens. A natureza intrínseca das histórias em quadrinhos é o ato de dialogar. Os letristas, profissionais responsáveis pela editoração e aplicação dos textos nas artes, procuram explorar elementos que reforçam o caráter sonoro, tais como o uso de exclamações, palavras ou expressões em negrito, com tipografias ou cores diferenciadas para determinados personagens.

A anatomia expressiva, bem como os rostos ressaltam a dramaticidade do texto verbal, bem como enquadramentos de cenas. O estilo de desenho resalta um discurso formal ou irônico.

Por fim, é importante destacar a natureza da criação de personagens e histórias que em muitos casos remontam a tradição oral de contar histórias. Todos esses elementos podem, portanto, servir de subsídios para a transposição do aprendizado de gêneros orais.

### **Possibilidades Pedagógicas**

É recomendado ao docente que o trabalho com oralidade seja constante e progressivo, ou seja, que se inicie da sensibilização, passando pela oralidade informal até os gêneros orais



mais formais e técnicos, aprofundando o tema gradativamente. Consideramos que o mesmo deve ser feito em relação às histórias em quadrinhos.

Entendemos que a troca de referências de histórias em quadrinhos entre alunos e professor é uma experiência muito enriquecedora, uma vez que todos os atores envolvidos irão aprender acerca de histórias, personagens, publicações e o professor, enquanto agente mediador de processo já pode estabelecer com essa sensibilização trabalhar alguns conceitos de oralidade, estimulando o ato da conversação, da espera, do saber escutar o outro, de promover o ato de contar histórias ou das razões que os motivam para gostar ou detestar um determinado personagem entre outros. No espaço da escola, outros agentes podem colaborar com a prática da oralidade enquanto meio de ensino e aprendizagem.

(...) os profissionais envolvidos nas atividades de leitura podem ser bibliotecários, professores, pedagogos, escritores, voluntários etc. os quais devem trabalhar em conjunto com planejamento e discussões sobre o assunto, com intuito de observar um excelente resultado no desempenho dos leitores. (CORRÊA, p.184, 2017)

Outra possibilidade que envolve quadrinhos e oralidade é a prática da leitura dramática, ou seja, a leitura para o público de uma história em quadrinhos. O docente pode iniciar promovendo uma leitura de uma história, de preferência curta e rica de diálogos, com conectivos, palavras em negritos, balão de texto em formas variadas e personagens com discursos orais distintos.

O ato de contar histórias é atribuído, em grande parte dos casos, a alguém com maior experiência, como sendo uma atividade que merece atenção e trato refinados, fazendo com que o ouvinte prenda sua atenção àquilo que está sendo contado. Esse fator de experiência maior é reforçado por Benjamin (1994, p. 200), quando diz que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos”, ou seja, sendo possuidor de vivências maiores, aquele que narra assume a propriedade de passar a experiência socialmente compartilhada aos outros membros do grupo. (HAERTER, BARBOSA JÚNIOR e BUSSOLETTI, p.91, 2017)

A leitura pode iniciar pelo professor e depois ser compartilhada entre os alunos. Essa prática irá estimular a relação entre leitura e discurso e por ser uma atividade lúdica, cabe ao docente gerenciar o espaço de fala de cada um. A leitura dramática pode ser realizada com quadrinhos impressos, slides ou ainda em dispositivos móveis.

Outra atividade que atua na relação entre oralidade e escrita é o de recriar diálogos nas histórias em quadrinhos. O Docente pode apresentar histórias com balões de texto em branco e solicitar que o aluno, baseado nas representações visuais não verbais como as expressões dos personagens, que escreva diálogos com elementos pertinentes aos textos nos quadrinhos, tais como palavras em negrito, exclamações, frases com marcas de oralidade entre outros. O diálogo reescrito pode servir de base para uma variação da leitura dramática, pois desta vez podemos observar a leitura a partir de um texto criativo e autoral, o que faz com que o discurso ou a forma que o aluno faz a leitura do texto seja mais espontânea e assertiva.

As histórias em quadrinhos podem servir de escopo para a produção de seminários, que envolvam a leitura ou discussão de uma história, ou um tema que possua subsídios para um debate entre alunos.

O método para implantação dessas atividades é, justamente, apresentar práticas de leituras, com tarefas que podem ser desenvolvidas de diversas maneiras, tanto em voz alta como em silêncio absoluto, individual ou em grupo, na sala de aula ou na biblioteca, com a utilização de diferentes recursos para criar um maior envolvimento do leitor com as histórias, tais como: músicas, ilustrações de



livros, dramatização com a representação do modo de agir dos personagens, material audiovisual (KUHLETHAU, 2006). Convém ressaltarmos que as atividades devem ser adequadas às diferentes faixas etárias. (CORRÊA, p.184, 2017)

O escopo da história pode ser relacionado com a comunidade fandom dos personagens e com isso ser proposto a criação de vídeos, podcasts ou resenha orais, sobre o quadrinho em questão. O aluno passa de leitor a criador de conteúdo a partir das histórias em quadrinhos. Neste caso o docente pode avaliar se o uso de tecnologias de gravação audiovisual é viável para o espaço educacional do qual ele e os alunos estão inseridos propicia o desenvolvimento dessa atividade.

É possível também construir os diálogos a partir de situações elaboradas em um *storyboard*, por exemplo, desse modo compreender como o contexto interfere diretamente no texto, pois este é decorrente daquele. Posteriormente seria possível representar a cena criada, seja ela um anúncio, comercial, ou esquete, ressaltando como o texto muda de acordo com a finalidade, região, tempo, circunstância e outras situações onde seja necessária a articulação entre o que ocorre e o que é falado.

Por fim, consideramos a criação de histórias em quadrinhos e seu respectivo ato de ler e apresentar a história como um ponto relevante na prática da oralidade, uma vez que o aluno irá criar narrativas com marcas de oralidade para construir diálogos para a trama e apresentar essa história para receptores como alunos e professores. A leitura e recepção irão trazer ao aluno uma compreensão acerca de sua assertividade textual e oral, apontamentos que irão estimular o aprimoramento do texto produzido e apresentar o aluno não apenas como um ator que aprende, mas como um ator que possui conteúdo e está disposto a compartilhar com a comunidade educacional do qual o mesmo está inserido.

### Considerações

O artigo apresenta uma proposta de uso de histórias em quadrinhos como estratégia complementar de ensino de oralidade na educação básica, abordando desde a sensibilização do aluno ao contexto das histórias em quadrinhos até o estudo da oralidade a partir de quadrinhos escritos e produzidos pelos próprios alunos. Para fundamentar nossa proposta, apresentamos aqui autores que ressaltam o quanto é importante o ensino de oralidade e histórias em quadrinhos na educação básica, além de pesquisadores que refletiram em concordância com o autor deste artigo acerca do uso dos quadrinhos para ensinar oralidade.

Dentro do contexto do uso das histórias em quadrinhos e oralidade, é importante que o docente esteja aberto a compreender os elementos constituintes das HQ's, tanto no contexto da leitura quanto da criação. Não solicitamos que o docente saiba desenhar ou escrever quadrinhos, mas que, a partir do conhecimento da linguagem, narrativa e construção de uma história em quadrinhos seja capaz de gerenciar e apresentar estratégias criativas, que o utilize para ensinar oralidade e os gêneros orais para criar quadrinhos.

Solicitamos ainda que o ensino da oralidade seja pensado como um ato frequente e de evolução ao longo do período letivo, e não como uma aula isolada ou um tópico a ser estudado. A oralidade é um processo vivo de aprendizado, do qual o discente apresenta um conhecimento anterior à escola e ao ato de escrever ou desenhar. A oralidade não deve ser negligenciada em nome de uma suposta ordem disciplinar. Silêncio não é sinônimo de atenção ou de aula bem sucedida.

O mesmo pode ser recomendado em relação às histórias em quadrinhos. Apesar de ser



primordialmente um meio de entretenimento, não devemos subestimar o seu potencial educacional, tanto na questão da leitura, escrita verbal e não verbal, bem como na sua potencialidade, enquanto uma linguagem sonora, a de apresentar potencialidades no uso da oralidade.

Não cabe aqui ponderar como ou quais ferramentas o docente da educação básica deve utilizar para realizar o seu trabalho a contento. Apesar de buscarmos refletir o uso das histórias em quadrinhos e oralidade em múltiplos contextos sociais, entendemos que o Brasil é um país que tem na educação um dos maiores indicativos discrepantes no que se refere às condições igualitárias de ensino e aprendizagem.

O que objetivamos enquanto pesquisadores é apresentar propostas e ideias que podem ser aproveitadas e debatidas na comunidade acadêmica e desenvolvidas em sala de aula. O artigo não apresenta resultados por não ser um relato de experiência. Entendemos o artigo como uma proposta pedagógica, da qual pode ser incorporada e adaptada ao docente dentro do seu contexto e realidade de trabalho em seu espaço educacional.

### Referências

ALCOFORADO, Doralice F. Xavier; ALBÁN, Maria del Rosário Suarez. **Contos populares brasileiros**. Bahia; Recife: Fund. Joaquim Nabuco; Ed. Massangana, 2001.

CORRÊA, Jean Pereira. **Experiência com a literatura de Cordel como atividade de estímulo à leitura no ambiente escolar**. In: Boitatá, Londrina, n. 23, jan-jul 2017.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas de Will Eisner**. São Paulo: Devir, 2005.

HAERTER, Leandro. BARBOSA JÚNIOR, Hécio Fernandes e BUSSOLETTI, Denise Marcos. **A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas**. In: Boitatá, Londrina, n. 23, jan-jul 2017.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. 2ª edição. São Paulo: Makron Books, 2005.

PESSOA, Alberto Ricardo. **As histórias em quadrinhos nas aulas de língua portuguesa como instrumento de leitura e de produção autoral**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010.

RAMOS, Paulo. **É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos?** In: Revista Intercâmbio, Volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

SÁ SILVA, Robervânia de Lima Sá Silva. MAI Érica de Cássia, WANZELER, Zaline do Carmo dos Santos. **Literatura e Cinema: As funções narrativas de PROPP em duas versões do conto A Bela Adormecida e suas implicações para o contexto escolar**. In: Boitatá, Londrina, n. 26, ago.- dez. 2018

[Recebido: 01 jun 21 - Aceito: 01 jul 21]

